

A solidão da América Latina*

Gabriel García Márquez†

Antônio Pigafetta, um navegante florentino que acompanhou Magalhães na primeira viagem ao redor do mundo, escreveu durante sua passagem por nossa América meridional uma crônica rigorosa, que no entanto parece uma aventura da imaginação. Contou que havia visto porcos com o umbigo nas costas e pássaros sem patas cujas fêmeas chocavam nas costas do macho, e outros como alcatrazes sem língua cujos bicos pareciam uma colher. Contou que havia visto uma espécie animal com cabeça e orelhas de mula, corpo de camelo, patas de cervo e relincho de cavalo. Contou que ao primeiro nativo que encontraram na Patagônia lhe puseram na frente um espelho, e que aquele gigante ensandecido perdeu o uso da razão pelo pavor da sua própria imagem.

Este livro breve e fascinante, no qual já se vislumbram os germes de nossas novelas de hoje, não é ainda assim o testemunho mais assombroso de nossa realidade daqueles tempos. Os Cronistas das Índias nos legaram outros, incontáveis. Eldorado, nosso país ilusório tão cobiçado, figurou em numerosos mapas durante longos anos, mudando de lugar e de forma segundo a fantasia dos cartógrafos. Em busca da fonte da Eterna Juventude, o mítico Alvar Nuñez Cabeza de Vaca explorou durante oito anos o norte do México, numa expedição lunática cujos membros comeram uns aos outros, e chegaram cinco dos 600 que a empreenderam. Um dos tantos mistérios que nunca foram decifrados, é o das onze mil mulas carregadas com cem libras de ouro cada uma, que um dia saíram de Cuzco para pagar o resgate de Atahualpa e nunca chegaram a seu destino. Mais tarde, durante a colônia, vendiam-se em Cartagena das Índias galinhas criadas em solos de aluvião, em cujas moelas se encontravam pedrinhas de ouro. Esse delírio áureo de nossos fundadores nos perseguiu até há pouco tempo. Apenas no século passado a missão da Alemanha encarregada de estudar a construção de uma ferrovia interoceânica no istmo do Panamá, concluiu que o projeto era viável com a condição de que os trilhos não fossem feitos de ferro, que era um metal escasso na região, mas de ouro.

A independência do domínio espanhol não nos colocou a salvo da demência. O general Antonio López de

Santana, que foi três vezes ditador do México, fez enterar com funerais magníficos a perna direita que perdera na chamada Guerra dos Pasteis. O general Gabriel García Morena governou o Equador durante 16 anos como monarca absoluto, e seu cadáver foi velado com seu uniforme de gala e sua couraça de condecorações sentado na poltrona presidencial. O general Maximiliano Hernández Martínez, déspota teósofo de El Salvador que fez exterminar numa matança bárbara 30 mil camponeses, havia inventado um pêndulo para averiguar se os alimentos estavam envenenados, e fez cobrir com papel vermelho a iluminação pública para combater uma epidemia de escarlatina. O monumento ao general Francisco Morazán, erigido na praça maior de Tegucigalpa, é na realidade uma estátua do marechal Ney comprada em Paris, em um depósito de esculturas usadas.

Faz onze anos, um dos poetas insígnies de nosso tempo, o chileno Pablo Neruda, iluminou este âmbito com sua palavra. Nas boas consciências da Europa, e às vezes também nas más, tem irrompido desde então com mais ímpetos que nunca as notícias fantasmagóricas da América Latina, essa pátria imensa de homens alucinados e mulheres históricas, cuja teimosia sem fim confunde-se com a lenda. Não tivemos um instante de sossego. Um presidente prometeico atrincheirado em seu palácio em chamas morreu peleando sozinho contra todo um exército, e dois desastres aéreos suspeitos e nunca esclarecidos ceifaram a vida de outro de coração generoso, e a de um militar democrata que havia devolvido a dignidade de seu povo. Houve até agora 5 guerras e 17 golpes de estado, e surgiu um ditador luciferino que em nome de Deus leva a cabo o primeiro etnocídio de América Latina em nosso tempo. Enquanto isso, 20 milhões de crianças latino-americanas morreram antes de fazer dois anos, mais do que todas as crianças que nasceram na Europa desde 1970. Os desaparecidos pela repressão são quase 120 mil, que é como se hoje ninguém soubesse onde estão todos os habitantes da cidade de Upsala. Numerosas mulheres presas grávidas deram à luz em cárceres argentinos, mas ainda se ignora o paradeiro e a identidade de seus filhos, que foram dados para adoção clandestina ou internados em orfanatos pelas

* Conferência Nobel apresentada em 8 de dezembro de 1982. Tradução de G. J. Creus para o texto disponível em http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1982/marquez-lecture-sp.html. Áudio em espanhol disponível em <http://www.nobelprize.org/mediaplayer/index.php?id=1496>.

† Prêmio Nobel de Literatura de 1982

autoridades militares. Por não querer que as coisas seguissem assim morreram cerca de 200 mil mulheres e homens em todo o continente, e mais de 100 mil pereceram em três pequenos e voluntariosos países da América Central, Nicarágua, El Salvador e Guatemala. Se isto ocorresse nos Estados Unidos, a cifra proporcional seria de um milhão e 600 mil mortes violentas em quatro anos.

Do Chile, país de tradições hospitaleiras, fugiram um milhão de pessoas: 12 por cento de sua população. O Uruguai, uma nação minúscula de dois e meio milhões de habitantes que se considerava como o país mais civilizado do continente, perdeu no desterro um em cada cinco cidadãos. A guerra civil em El Salvador produziu desde 1979, quase um refugiado a cada 20 minutos. O país que poderia ser feito com todos os exilados e emigrados forçados da América Latina, teria uma população mais numerosa que a da Noruega.

Ouso pensar que é esta realidade descomunal, e não somente a sua expressão literária a que este ano mereceu a atenção da Academia Sueca de Letras. Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes quotidianas, e que sustenta um manancial de criação insaciável, pleno de desdita e de beleza, do qual este colombiano errante e nostálgico não é mais do que uma cifra determinada pela sorte. Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandros, todos nós, criaturas daquela realidade desafortada, tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque o maior desafio para nós tem sido a insuficiência dos recursos convencionais para fazer crível nossa vida. Este é, amigos, o nó de nossa solidão.

Pois se estas dificuldades nos entorpecem, nós que somos de sua essência, não é difícil entender que os talentos racionais deste lado do mundo, extasiados na contemplação de suas próprias culturas, tenham ficado sem um método válido para nos interpretar. É compreensível que insistam em medir-nos com a mesma vara com que se medem a si mesmos, sem recordar que os estragos da vida não são iguais para todos, e que a procura da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como o foi para eles. A interpretação de nossa realidade com esquemas alheios só contribui para fazer-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários. Talvez a venerável Europa fosse mais compreensiva se tratasse de nos ver em seu próprio passado. Se lembrasse que Londres precisou de 300 anos para construir sua primeira muralha e outros 300 para ter um bispo, que Roma se debateu nas trevas da incerteza durante 20 séculos antes que um rei etrusco a implantasse na história, e que ainda no século XVI os pacíficos suíços de hoje, que nos deleitam com seus queijos mansos e seus relógios impávidos, ensanguentaram a Europa com seus mercenários. Ainda no apogeu do Renascimento, 12 mil lansquenets a soldo dos exércitos imperiais saquearam e devastaram Roma, e passaram na faca oito mil de seus habitantes.

Não pretendo encarnar as ilusões de Tonio Kröger, cujos sonhos de união entre um norte casto e um sul apaixonado Thomas Mann exaltava há 53 anos neste

mesmo lugar. Mas creio que os europeus esclarecidos, os que lutam também aqui por uma pátria grande mais humana e mais justa, poderiam melhor nos ajudar se revisassem a fundo sua maneira de nos ver. A solidariedade com nossos sonhos não nos fará sentir menos solitários enquanto não se concretize com atos de apoio legítimo aos povos que assumam a ilusão de ter uma vida própria na divisão do mundo.

A América Latina não quer nem tem por que ser um peão sem vontade, nem tem nada de quimérico que seus desígnios de independência e originalidade se convertam em uma aspiração ocidental. Não obstante, os progressos da navegação que reduziram tantas distâncias entre nossas Américas e a Europa, parecem haver aumentado nossa distancia cultural. Por que a originalidade que é admitida sem reservas em nossa literatura nos é negada com todo tipo de desconfiança em nossas tentativas tão difíceis de mudança social? Por que pensar que a justiça social que os europeus desenvolvidos tratam de impor em seus países não pode ser também um objetivo latino-americano com métodos distintos em condiciones diferentes? Não: a violência e a dor desmedidas da nossa história são o resultado de injustiças seculares e amarguras sem conta, e não uma confabulação urdida a três mil léguas de nossa casa. Mas muitos dirigentes e pensadores europeus acreditaram nisso, com o infantilismo dos avós que esqueceram as loucuras frutíferas de sua juventude, como se não fosse possível outro destino que viver à mercê dos grandes donos do mundo. Este é, amigos, o tamanho de nossa solidão.

No entanto, frente à opressão, ao saqueio e ao abandono, nossa resposta é a vida. Nem os dilúvios nem as pestes, nem a fome, nem os cataclismos, nem sequer as guerras eternas através de séculos e séculos conseguiram reduzir a vantagem tenaz da vida sobre a morte. Uma vantagem que aumenta e se acelera: cada ano há 74 milhões de nascimentos a mais que mortes, uma quantidade de novos vivos suficiente para aumentar sete vezes cada ano a população de Nova York. A maioria deles nasce nos países com menos recursos, e entre estes, naturalmente os da América Latina. Por outro lado, os países mais prósperos conseguiram acumular um poder suficiente para aniquilar cem vezes não apenas todos os seres humanos que existiram até hoje, mas a totalidade dos seres vivos que passaram por este planeta de infortúnios.

Num dia como o de hoje meu mestre William Faulkner disse neste mesmo lugar: “Nego-me a admitir o fim do homem”. Não me sentiria digno de ocupar este lugar que foi dele se não tivesse a consciência plena de que pela primeira vez desde as origens da humanidade, o desastre colossal que ele se negava a admitir há 32 anos é agora nada más que uma simples possibilidade científica. Ante esta realidade assustadora que através de todo o tempo humano deve ter parecido uma utopia, nós, os inventores de fábulas que acreditamos em tudo, nos sentimos no direito de acreditar que ainda não é demasiado tarde para empreender a criação da utopia contrária. Uma nova e arrasadora utopia da vida, onde ninguém possa decidir por outros até mesmo a forma de morrer, onde verdade seja

certo o amor e seja possível a felicidade e onde as estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham finalmente e para sempre uma segunda oportunidade sobre a terra.